

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: isto é Class.: 175Data: 29.06.88 Pg.: \_\_\_\_\_**Cerco aos  
ticuna**

Os ticuna, comunidade indígena do Alto Solimões, no Amazonas, que foram alvo de uma chacina com quatro mortos e onze desaparecidos no mês de maio em Tabatinga, na fronteira com o Peru, estão novamente sob cerco. Dias atrás eles foram proibidos, pela Funai, através de seu representante Valmir de Barros Torres, de ter aulas em língua indígena. Para Torres, os índios devem aprender português, matemática, estudos sociais e ciência e nada mais. E, para provar que está falando sério, a Funai demitiu os professores bilingües Alirio Mendes de Moraes, Nino Fernandes e Reinaldo do Campo, que discordavam da nova orientação.

Nino Fernandes e Reinaldo do Campo eram integrantes da Organização dos Professores Tikuna Bilingüe (OPTB), formada por professores índios integrantes de várias outras tribos em 1986, e foram demitidos sem qualquer explicação. Os ticuna, aliás, tiveram sérios problemas com professores contratados pela Funai. Os educadores achavam, por exemplo, "estranhas" as festas tradicionais, como a da "Moça-Nova", um ritual que comemora a passagem da mulher da puberdade à juventude, que foi ameaçada de proibição. Na cerimônia, que é considerada pelos índios como a principal tradição ticuna, a cabeça das moças é raspada, representando a nova vida. Esta e outras histórias formadoras da cultura *maguta*, os ancestrais dos ticuna, estão narradas pelos índios Neitanu Cu (João Laurentino Souza, da aldeia Venda-val) e Tuchuureu Cu (Ernesto Manoel Santiago, da aldeia Campo Alegre), e formam o primeiro livro ticuna, *Toru Duu' Ugu* (*Nosso Povo*), publicado pelo Museu Nacional em convênio com a UFRJ/Secretaria de Cultura/MEC/SEPS/FNDE, em fevereiro de 1985.

**RESERVA AMEAÇADA** — A luta dos ticuna para preservar sua língua e sua cultura, no entanto, vai muito além do idioma nativo. Eles enfrentam sérios problemas com o projeto Calha Norte, que corta suas terras, elaborado pelo Conselho de Segurança Nacional. Um dos grandes problemas atualmente na região é com as madeireiras, que estão pagando posseiros para assassinar índios, como aconteceu em Tabatinga. Até hoje o acusado de mandante do crime, o madeireiro Oscar Castelo Branco, anda solto pelas ruas do município. A Polícia Federal pretende transferir o caso para a Justiça Comum sob a alegação de que os assassinatos ocorreram fora da área indígena. ▲